

SAVITRI, LIVRO II, CANTO VI

2

Um espírito ali estava, que buscava por seu próprio self profundo,
Contudo estava contente com fragmentos projetados à frente
E partes do viver que ocultavam o Todo,
Mas que, agrupadas, poderiam um dia ser verdadeiras.

3

Uma Energia de perpétua transitoriedade empreende
A jornada da qual nenhum retorno é certo,
A peregrinação da Natureza em direção ao Desconhecido (...)
Um mundo ela erige, tocado pela orla fugitiva da verdade (...)
Ele capturou a imaginação e confinou
Numa gaiola, a pintura de um pássaro do paraíso.

4

Do barro ela modela maravilhas divinas;
No plasma ela fixa sua muda urgência imortal,
Ajuda o tecido vivo a pensar, o sentido encerrado a sentir,
Faz reluzirem pelos frágeis nervos mensagens pungentes,
Num coração de carne miraculosamente ama...

5

Seu eterno amante é a causa de sua ação...
Somente atrair seu velado companheiro
E mantê-lo junto de seu peito em seu manto-de-mundo

Antes que de seus braços ele se volte para sua paz sem forma,
É o empenho de seu coração e seu cuidado apegado.

6

Em todos aqueles que se ergueram para uma Vida maior
Uma voz de coisas não nascidas sussurra ao ouvido,
Para seus olhos visitados por alguma alta luz de sol
A aspiração mostra a imagem de uma coroa...

7

Todos os poderes da vida à sua própria divindade tendem...
Uma virtude mestra transforma em estátua a pose,
Ou uma titânica paixão aferroa rumo a inquietação orgulhosa:
No altar da sabedoria eles são reis e sacerdotes
Ou sua vida é um sacrifício a um ídolo de Poder.

9

Uma esfinge cujos olhos estão erguidos para um Sol oculto.

Como alguém que perdeu o reino de sua alma,
Olhamos para trás, para alguma fase-deus de nosso nascimento,
outra que esta imperfeita criatura aqui
E esperamos neste ou num mundo mais divino
Recuperar, contudo, da guarda paciente do Céu
Aquilo que pelo esquecimento de nossas mentes nós perdemos,
A felicidade natural de nosso ser,

O deleite de nosso coração que trocamos por pesar,
O entusiasmo de nosso corpo que trocamos pela mera dor,
O deleite pelo qual nossa natureza mortal anseia
Como anseia uma obscura mariposa pela Luz abrasadora.
Nossa vida é uma marcha em direção a uma vitória jamais conquistada.
Esta onda de ser ansiando por deleite,
Este ávido turbilhão de forças insatisfeitas,
Estas longas, distantes fileiras de esperanças que se esforçam por avançar
Erguem olhos de adoração para o azul Vazio chamado firmamento,
Procurando pela dourada Mão que nunca veio,
O advento pelo qual toda a criação espera,
O belo semblante da Eternidade
Que irá aparecer por sobre as estradas do Tempo.
No entanto, para nós mesmos dizemos, reacendendo a fé,
"Oh, certamente um dia ele atenderá ao nosso chamado,
Um dia ele criará nossa vida de novo
E proferirá a mágica fórmula da paz
E trará perfeição ao esquema das coisas.
Um dia ele descerá para a vida e a terra,
Deixando o segredo das portas eternas,
Num mundo que clama a ele por socorro,
E trará a verdade que torna livre o espírito,
A alegria que é o batismo da alma,
A força que é o braço estendido do Amor.
Um dia ele erguerá o véu terrível de sua beleza,

Imporá o deleite ao coração pulsante do mundo
E desnudará seu secreto corpo de luz e beatitude.”
Agora, contudo, esforçamo-nos por alcançar meta desconhecida:
Não há um fim para o buscar e o nascer,
Não há um fim para o morrer e retornar;
A vida que conquista suas metas pede por metas mais vastas,
Até que tenha se encontrado ela não pode cessar.
Tudo aquilo por que vida e morte foram feitos deve ser feito.
Mas quem dirá que mesmo então haverá descanso?
Ou então repouso e ação são a mesma coisa
No seio profundo do deleite supremo de Deus.
Num estado elevado onde a ignorância não mais tem lugar,
Cada movimento é uma onda de paz e beatitude,
O repouso a imóvel força criativa de Deus,
A ação uma ondulação no Infinito
E o nascimento um gesto da Eternidade.
Um sol de transfiguração pode ainda brilhar
E a Noite seu âmago de mística luz desnudar;
O paradoxo que se autoanula e se autoaflige
Num mistério autoluminoso poderia mudar,
O imbróglio um milagre jubiloso transformar-se.
Deus então poderia ser visível aqui, aqui assumir uma forma;
Desvelada seria a identidade do espírito;
A vida sua verdadeira face imortal revelaria.
Agora, contudo labor sem fim é seu destino:
No decimal recorrente de eventos
Nascimento e morte aparecem como seus pontos vibrantes;

O velho ponto de interrogação margeia cada página concluída,
Cada volume da história de seu esforço.
Um Sim manquejante através das eras jornadaia ainda,
Por um eterno Não acompanhado.
Tudo parece em vão, contudo infindo é o jogo.
Impassível gira a Roda sempre girante,
A vida não tem saída, a morte não traz liberação.
Prisioneiro de si próprio vive o ser
E guarda sua fútil imortalidade;
Negada é a extinção, seu único escape.
Um erro dos deuses fez o mundo.
Ou, indiferente, o Eterno contempla o tempo.

CANTO EM SÂNSCRITO

Em todos os seres, que se movem ou imóveis, distantes e próximos,
na frente ou atrás, acima e abaixo e à parte, eu vejo tua forma, oh
Krishna, tu que tens formas infinitas.

Eis! Estou inteiramente submerso no oceano de tua beleza: nele não
vejo nem o fim nem o meio nem o começo.

Sem palavras estou, cada vez mais sem movimento, perplexo,
totalmente!

Onde estou, quem sou eu? Oh, Senhor, não sei.

Inclino-me diante de Ti, inclino-me diante de Ti! Oh Senhor! Que tem
o universo inteiro como suas formas. Inclino-me diante de Ti, inclino-
me diante de Ti, oh Senhor, cujas forças transcendem todo
Pensamento!

Inclino-me diante de Ti, inclino-me diante de Ti, o oceano de todas
as maravilhas! Oh, Senhor Poderoso, doador de beatitude! Inclino-me
diante de Ti, inclino-me diante de Ti.